



# AH

## ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 74-75

---

SUSANA CORREIA (1955-2021) *IN MEMORIUM*

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO - ARMAZENAMENTO MEDIEVAL  
E MODERNO EM PORTUGAL

---

Título

**Arqueologia & História**

**13ª Série**

Volume

**74-75**

Ano de Edição

**2025**

Ano Associativo AAP

**2022-2023**

Edição

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

**José Morais Arnaud**

Coordenação

**José Morais Arnaud e César Neves**

Design gráfico

**Paulo Freitas**

Fotografia da capa

**Escavações em BRA77A, que se prolongaram em 1978, sob a direcção de Susana Correia e João Castro**

Impressão

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem

**250 exemplares**

Depósito legal

**73 446/93**

ISSN

**0871-2735**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

# ÍNDICE

- 5 Editorial  
José Morais Arnaud

## **SUSANA CORREIA (1955-2021) IN MEMORIUM**

- 9 Apresentação  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Susana Correia / primórdios do Campo Arqueológico de Braga (1977/1978)  
Francisco Sande Lemos
- 21 Uma mulher do Norte, em trânsito para o Alentejo  
António Carlos Silva
- 27 Década de 80: alegria do trabalho num sopro de nostalgia  
Teresa Marques
- 31 À Susana, uma serena viagem para Ítaca  
Maria Filomena Barata
- 35 Legado de Susana Correia aos jovens arqueólogos  
Jacinta Bugalhão
- 49 “*Informação Arqueológica*”. Um boletim de e para a divulgação da Arqueologia Portuguesa  
Carlos Boavida
- 61 Susana Helena Bastos Correia da Fonseca (1955-2021), antiga aluna, amiga de sempre, cidadã empenhada: a nostalgia do Sul  
Vitor Oliveira Jorge
- 65 Degebe em Alqueva: 1998-2001  
Ana Sofia Antunes, Consuelo Gómez Granel, Lidia Virseda Sanz
- 83 A Rua do Sembrano. Um caso paradigmático de Arqueologia Urbana na cidade de Beja  
Carolina Grilo
- 95 Susana Correia e o projeto do Museu de Moura  
Santiago Macias
- 99 Memórias  
Susana Lopes
- 103 Lembrando a Susana  
Eduardo Pires de Oliveira
- 107 Susana. Memórias, Encontros e Partilhas  
Ana Isabel Palma Santos
- 109 Susana Correia e o Museu Municipal de Arqueologia de Serpa  
Ana Sofia Antunes
- 117 Para uma bibliografia da Susana Correia  
Manuela de Deus

## **SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO – ARMAZENAMENTO MEDIEVAL E MODERNO EM PORTUGAL**

- 125 Colóquio – “Silos, matamorrás e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal”  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida, João Marques, Teresa Marques
- 127 Os silos Medievais da *Villa* Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo  
Luísa Batalha, Guilherme Cardoso, Mário Monteiro
- 137 As “covas de pão” de Carnide: um grande celeiro às portas da Lisboa medieval  
Ana Caessa, Nuno Mota

- 157 Silos Medievais de São Vicente de Fora – Lisboa  
Nuno F. Poínhas Pires
- 167 Problemáticas em torno da gestão de um espaço ao longo de dois séculos: os silos medievais do Largo da Atafona – Lisboa  
Vasco Noronha Vieira, Tiago Pereira, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Dário Neves, Marina Carvalhinhos
- 177 Silos Medievais no Núcleo Histórico de Almada: tipologias e seu contexto  
Sérgio Manuel Peleja Rosa
- 195 *Quem Guarda, acha!* Os silos medievais do Centro Histórico de Moura  
Vanessa Gaspar

## **ARTIGOS**

- 215 Lâmina de machado, pré-histórica, no culto ibérico a Júpiter?  
Mário Varela Gomes
- 221 As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios  
Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro
- 239 Arqueolog(IA). O uso da Inteligência Artificial na prática e na teoria arqueológica  
Daniel Carvalho
- 247 Francisco Santana. O olisipófilo e o periódico *Olisipo*  
Eunice Relvas
- 253 Contar 30 Anos. A actividade da Comissão de Estudos Olisiponenses (1994-2024)  
Carlos Boavida

## **RELATÓRIOS**

- 263 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2022  
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 271 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2023  
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 279 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 283 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023  
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 287 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 291 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023  
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 293 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2022  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 297 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2023  
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 301 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2022  
Lina Oliveira
- 303 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2023  
Lina Oliveira
- 305 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2022  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 313 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2023  
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

# SUSANA CORREIA / PRIMÓRDIOS DO CAMPO ARQUEOLÓGICO DE BRAGA (1977/1978)

---

Francisco Sande Lemos

sandeleemos@gmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

O Campo Arqueológico de Braga, tal como tem sido referido em numerosos artigos e trabalhos académicos<sup>1</sup> foi um dos vários projectos lançados na década de 70, após o 25 de Abril, no âmbito do processo global de reorganização da sociedade portuguesa, decorrente do fim da Ditadura e no domínio específico da Arqueologia. A génese e o desenvolvimento de cada um desses projectos têm uma história própria. Desta-

---

<sup>1</sup> Ver, por exemplo: “O salvamento de *Bracara Augusta* foi a primeira grande experiência de salvamento de carácter institucional desenvolvida em Portugal (Silva, 2002a, p. 307). O movimento nasceu em contexto associativo em 1973, mas rapidamente foi integrado numa estrutura da administração central (Alves, 2019, p. 8-9), o Campo Arqueológico de Braga. Esta experiência constituiu um laboratório de experimentação para diversas soluções institucionais para a Arqueologia portuguesa, uma vez que ao Campo Arqueológico de Braga sucederam a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (Martins, 1989, p. 170), o SRAZ Norte (o primeiro a ser criado no IPPC), o Museu de D. Diogo de Sousa (Silva, 2002a, p. 314) e o serviço municipal de Arqueologia de Braga. Assim, em consequência deste projecto de salvamento, a cidade de Braga tornou-se, no final dos anos 70 e início dos 80, um dos mais importantes pólos da Arqueologia portuguesa (Alves, 2019, p. 17)”

In *A Arqueologia em Portugal entre o final do século XX e o início do século XXI (1970 -2004)* Jacinta Bugalhão. Volume 1, p. 537.

cam-se pela sua continuidade e pelo dinamismo que ainda hoje mantém (passadas mais de quatro décadas) os de Braga (desde 1976) e Mértola (desde 1978).

O CAB nasceu por pressão da sociedade civil, organizada na CODEP (a qual irá dar origem à ASPA)<sup>2</sup>. Teve o apoio da Comissão Instaladora da Universidade do Minho, de entidades da Administração Pública e, em última instância, do I Governo Constitucional, sendo Primeiro Ministro o Doutor Mário Soares. Este, em deslocação a Braga, teve a oportunidade de observar destruições de património arqueológico no Alto da Cidade e com a determinação que o caracterizava mobilizou o Governo para uma série de medidas jurídicas e financeiras que asseguraram o futuro do Salvamento e Estudo de *Bracara Augusta* (Figura 1).

Numa primeira fase o Campo Arqueológico esteve sob a alçada do Governo Civil e da Junta Distrital<sup>3</sup>,

---

<sup>2</sup> ASPA: “Associação para a Defesa do Património e Ambiente”. A ASPA, fundada em 1976, também tem mantido uma actividade contínua, ao longo de décadas até ao presente, contando no seu *curriculum* intervenções tão importantes como o salvamento do Mosteiro de Tibães e do núcleo de abastecimento de água setecentista (mas com origem romana) das Sete Fontes. Publica a revista *A Mínia* e uma coluna quinzenal no *Diário do Minho* (“Entre Aspas”).

<sup>3</sup> Tratando-se de uma intervenção directa do Governo e sendo o Governador Civil o seu representante no distrito justificou-se esta fase inicial.



Figura 1 – O local exacto onde a urbanização do Alto da Cidade foi bloqueada por decisão do I Governo Constitucional (ao tempo não se sabia, mas a compra dos terrenos do Alto da Cidade permitiu salvar as estruturas do Teatro romano e dos banhos anexos, exaustivamente estudadas por Manuela Martins na década de 90 e já neste século).

sendo posteriormente atribuída a responsabilidade da sua gestão científica à Universidade do Minho. Os meios financeiros eram provenientes de vários ministérios. Todavia os terrenos adquiridos no Alto da Cidade pelo Estado ficaram como propriedade municipal.

Nos primeiros anos, entre 1976 e 1979, ao CAB cumpria um objectivo essencial. O de provar que as ruínas da urbe romana ainda se conservavam no subsolo dos terrenos por urbanizar, esclarecendo dúvidas que então se levantaram, na cidade e não só, mas também no próprio meio arqueológico... A iniciativa do I Governo Constitucional tinha sido acertada? Seria possível contrariar, por evidência inegável, as múltiplas vozes das “forças vivas” de Braga que declaravam alto, e em bom som, que *Bracara* tinha sido totalmente arrasada por Visigodos e Muçulmanos? E que o CAB não estava a queimar dinheiro, existindo, para mais, o risco de paralisar o crescimento urbano? Na comu-

nidade arqueológica havia mesmo os que se interrogavam, expressamente, acerca do valor científico do projecto.

O trabalho de campo (através de sondagens e escavações), tanto no Alto da Cidade, como nos terrenos onde se realizaram em 1977 as sondagens de resistividade geo-eléctrica do Laboratório de Garchy<sup>4</sup>, ou, ainda em pontos sob ameaça imediata, era a prioridade do CAB (Figura 2).

Por outro lado, o tratamento do abundante material recolhido era uma tarefa não menos relevante. Pretendia-se evitar o fosso que muitas vezes se acumula entre escavações e tratamento do material recolhido. Todos os fragmentos de cerâmica eram lavados e marcados com as referências de campo, de acordo com um sistema geo-referenciado que ainda hoje se mantém (com pequenas alterações), permitindo o estudo científico das escavações, mesmo décadas depois.

Esta confluência de vontades e meios, Sociedade Civil, Governo, Universidade, constituiu uma novidade. Assim o projecto do Campo Arqueológico, pelas suas características suscitou expectativas na cidade de Braga e teve mesmo repercussão a nível nacional, congregando gente jovem das mais diversas paragens.

A jovem Susana Correia começou a sua carreira de arqueóloga no CAB, no primeiro semestre de 1977, num contexto de desafio social e científico. A sua relevante intervenção neste novo projecto da Arqueologia portuguesa é o tema deste artigo.

O autor (destas breves linhas) principiou a trabalhar no CAB, contratado para o efeito pela Universidade do Minho, em Julho de 1977, após o termo do ano lectivo do ensino secundário<sup>5</sup>. Quando cheguei a Braga, já a Susana Correia colaborava de modo permanente no CAB. Aluna de História da Faculdade de Letras do Porto, rumou a Braga, no último ano do curso. Suponho eu que assim pretendia adquirir a experiência de campo que, ao tempo, as faculdades não asseguravam.

Na verdade, na década de 70, o início da carrei-

<sup>4</sup> Centre de Recherches Geophysiques de Garchy /CNRS, com sede em Nièvre. Os trabalhos foram dirigidos por A. Hesse e pagos pelo Governo português. O relatório elaborado por A. Hesse assim como as plantas estão no Arquivo da Unidade de Arqueologia da UM. Sondagens e escavações posteriores confirmaram na íntegra os mapas de estruturas arqueológicas desenhadas pela resistividade e remetidas ao CAB pela equipa francesa.

<sup>5</sup> Eu era professor provisório na Escola Fonseca Benevides em Alcântara, Lisboa, estando já registada, para o ano lectivo de 77/78, a efectivação na Escola António Arroio.



Figura 2 – O Alto da Cidade em 1978. Distinguem-se as sondagens arqueológicas efectuadas a partir de 1977 no tabuleiro superior, bem como os prédios construídos antes de 1976 e que destruíram vestígios arqueológicos de características desconhecidas.

ra em Arqueologia começou deste modo para muitos estudantes universitários que procuravam ir para além do ensino teórico, então predominante no Ensino Superior.

No *Curriculum Vitae* da Susana Correia, que me foi enviado por Teresa Marques e que consta dos arquivos da Delegação Regional da Cultura do Alentejo, o trabalho que efectuou no CAB está resumido num parágrafo, destacando-se os pontos essenciais. Todavia, mesmo antes de ter recebido esse CV, consultei os Relatórios Mensais do Campo Arqueológico de Braga, relativos ao anos de 1977 e 1978. Nestes a Susana Correia é frequentemente mencionada. Não me recordo quem redigiu tais relatórios. Não se encontram assinados. Só poderia ter sido o Francisco Alves, com revisão final de Henrique Barreto Nunes. Constituem uma série de documentos importantes para a história do CAB. Foram passados do papel para computador (ainda não estava generalizado o uso da digitalização e dos PDF) na década de 80, por iniciativa de Manuela Martins <sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Em meados dos anos 80 do século XX a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho iniciou o processo de digi-

Justifica-se neste volume *In Memoriam* transcrever alguns dos trechos que se referem à Susana Correia, por ordem cronológica. E comentar essas referências de modo a precisar o contexto, fazendo assim jus à intervenção de Susana Correia, no arranque de um dos projectos que marcaram, de modo decisivo, uma nova fase da Arqueologia Portuguesa.

E, para que se compreenda melhor as observações dos parágrafos seguintes, convém dizer que o CAB ficou instalado até 1981 em anexos do Palácio dos Biscaínhos, mais exactamente na cozinha e no pombal<sup>7</sup>. Espaços exíguos que foram aproveitados ao milímetro. Em contrapartida a possibilidade de se usufruir do magnífico e extenso jardim do palácio facilitava a organização das campanhas de Verão.

talização da informação arqueológica de Braga, o qual incluiu os relatórios de atividades do Campo Arqueológico de Braga, entre 1976 e 1980.

<sup>7</sup> A instalação no Palácio dos Biscaínhos foi possível porque, conforme se disse, numa fase inicial o CAB estava dependente do Governador Civil e da Junta Distrital que tutelavam o edifício. Os espaços nobres do Biscaínhos estavam reservados para Museu, objectivo que se concretizou, estando actualmente sob alçada da DRCNorte.

## 2. 1977

Neste ano só foram elaborados os relatórios relativos aos meses de Outubro, Novembro e Dezembro e são muito sintéticos. Referem-se, por alto, às escavações arqueológicas e salientam o esforço no registo do material, de tal modo que no final do ano, a situação estaria regularizada. A Susana Correia participou quer na campanha de Verão, quer no trabalho de laboratório que se seguiu, tendo contribuído para reduzir o atraso no processamento do material recolhido nas escavações preliminares de 1976 e, mais amplas, do primeiro semestre de 1977.

## 3. 1978

### 3.1. Relatório do CAB – Janeiro de 1978

*“I.3. Na intenção de clarificar a situação e de expor os seus pontos de vista próprios, o CAUM (representado por todos os seus membros efectivos – além da Dra. Susana Correia – membro eventual, mas responsável pelo laboratório), foi recebido a 23 de Janeiro, pelo Presidente da Câmara Municipal de Braga. Desta reunião estabeleceu-se um largo consenso quanto às futuras modalidades institucionais e de funcionamento do CAUM, que viriam a ser definidas no relatório de 26 de Janeiro à C.I. da U.M..*

*I.4. Parte da movimentação atrás exposta – resulta da atribuição ao CAUM, de uma verba do MHUC através da CMB, sendo a sua gestão assegurada por esta última entidade.*

*II – A chegada da verba atrás citada, coincidiu, como se depreende pelos relatórios anteriores, não só com a abertura de uma nova frente de trabalhos, como também com novas fases nos trabalhos em frentes já abertas. Assim:*

*II.1 – No que diz respeito ao trabalho de laboratório:*

*a) Recuperou-se definitivamente o atraso que desde muito (praticamente desde 1976), se tinha instalado nas fases de lavagem, inventariação, catalogação e marcação dos materiais*

*b) Como consequência deste facto, desde 5 de Janeiro começou a fase de triagem do material a desenhar, passando-se concomitante à fase de desenho.*

*c) A verba acima referida veio entretanto permitir a reestruturação material e espacial do laboratório. Com efeito, a exiguidade dos locais provisórios do CAUM no Palácio dos Biscaínhos, atingiu o seu ponto crítico ao chegar-se à fase actual dos trabalhos. Foi portanto efectuada uma modificação radical no aproveitamento das várias zonas do laboratório, tendo-se*

*mudado o depósito dos materiais cerâmicos da sala “Este” para a “Oeste”, reservando a primeira para laboratório de restauro, depósito de materiais metálicos e parcialmente, para desenhos e arquivo.”*

Primeira referência à responsabilidade de **Susana Correia** como responsável pelo Laboratório, confirmada no Relatório de Fevereiro, em que se descreve, em detalhe, o organigrama do CAB.

### 3.2. Relatório do CAB – Fevereiro de 1978

*“No mês de Fevereiro a dimensão dos empreendimentos do CAUM implicou um substancial aumento de efectivos, que no fim do mês, ultrapassaram o quantitativo de quarenta elementos.*

*O organigrama do funcionamento do Campo Arqueológico passou a ser o seguinte:*

*A – Trabalho de campo:*

*1) Três equipas de escavação dirigidas por 1 arqueólogo e dois enquadrantes e composta cada uma delas por 5 a 6 elementos.*

*2) Quatro equipas de levantamentos composta cada uma por dois elementos a fim de poder documentar-se rapidamente as estruturas arqueológicas postas a descoberto precedentemente.*

*B – Trabalhos de laboratório:*

*1) Sector de lavagem e marcação composta por três elementos permanentes, reforçado esporadicamente por participantes irregulares.*

*2) Sector de colagem- dois a três elementos permanentes.*

*3) Sector de desenho composto por dois a três elementos, que asseguram a passagem a tinta das plantas fornecidas regularmente pela equipa de levantamentos de campo.*

*4) Sector de apoio ou economato composto por um elemento que assegura o fornecimento regular do material requisitado.*

*5) Sector de separação e estudo de materiais composto por uma a duas pessoas que preparam os materiais para as sessões bissemanais de trabalho com a Dra. Manuela Delgado.*

*C – Equipa de inventariação arqueológica e dinamização cultural já precedentemente evocada nos relatórios anteriores.*

*D – Elemento de apoio fotográfico.*

*E – Elemento encarregado do secretariado*

*Funções nominais:*

*Francisco Alves – Coordenador geral das actividades do CAUM.*

*Henrique Barreto Nunes e Eduardo P. de Oliveira – técnicos encarregados do sector C.*

Francisco Sande Lemos – Técnico coordenador da actividade de campo.

Maria da Graça M. S. Dias – encarregada do sector E.

**Susana Correia** e Mário Santos – encarregados dos sectores B1 B2 B4 e B5.

Jorge Prim – encarregado do sector D.

Manuel Santos – encarregado do sector B4.

Joaquim Filipe F. Antunes – encarregado da ligação entre os sectores A2 e B3 e responsável por uma equipa de A2.

Fernando Barbosa e Fernando Matos – responsáveis por duas equipas de A2.

Victor Hugo e Mário Meireles – responsáveis por duas equipas de A1.”

### 3.3. Relatório do CAB – Março de 1978

“II Sector de Actividade do Laboratório

II 1 – A actividade de campo referida de início, supõe, como é evidente, a manutenção de uma equipa de tratamento de materiais (lavagem, inventariação, marcação, etc) capaz de corresponder ao volume das entradas do material que durante este período, se efectuou a uma cadência bastante superior à normal.

II 2 – Do mesmo modo, o sector das reconstituições e colagens foi incentivado, para poder corresponder ao ritmo das entradas, e agora também, ao ritmo das saídas solicitadas;

II 3 – Com efeito, como já tinha sido referido em relatórios anteriores, a partir deste mês começou, de um modo sistemático, a colaboração da Dra. Manuela

Delgado, assistente na Faculdade de Letras da Universidade do Porto na separação tipológica e estudo do material ceramológico de Braga, tendo a **Dra. Susana Correia** recém-licenciada em História pela Universidade do Porto, mas participante na actividade do CAUM desde 1977, transitado para este sector, ficando outro elemento (Mário Santos) encarregado da orientação dos trabalhos de base do laboratório.”

Este excerto do relatório do CAB é muito interessante, pois confirma a anterior referência do Relatório de Fevereiro a Susana Correia, bem como a deslocação periódica da Manuela Delgado a Braga, a fim de prestar apoio no âmbito dos cerâmicas (Figuras 3 e 4).

O Laboratório de tratamento dos materiais, do qual a **Susana Correia** foi a primeira Directora ainda hoje funciona em pleno, tendo transitado do CAB para o Museu de D. Diogo de Sousa em 1981, aquando da revitalização daquele museu. Aliás este Laboratório tem sido uma das traves mestres do MDDS. Em recente conversa com a Clara Rodrigues Lobo, talvez a primeira guardiã do material em depósito no museu, ela lembrou-me que, ao começar a trabalhar no CAB, em Janeiro de 1978, foi a **Susana Correia** uma das primeiras pessoas que a acolheu na cozinha dos Biscaínhos.

Em 1979 a Manuela Delgado passou a integrar o quadro da UM, como técnica superior e desde então foi um elemento fundamental do estudo de *Bracara Augusta*, mesmo após a reforma.



Figura 3 – Susana Correia, Sónia, e João Castro no registo de materiais, no Laboratório improvisado na cozinha dos Biscaínhos. Os dossiers com as listagens dos materiais, que se observam na imagem, ainda hoje se conservam no Museu de D. Diogo de Sousa, embora grande parte dos registos já tenha sido informatizada (esclarecimento de Clara Rodrigues Lobo, a quem agradecemos).



Figura 4 – Lavagem de cerâmica no exterior da cozinha dos Biscaínhos. Susana Correia, sentada no lado esquerdo da imagem.

### 3.4. Relatório do CAB – Abril

#### 3.4.1. Ensino

“Como tem vindo a ser referido em precedentes relatórios, a docência da disciplina do 2º semestre do corrente ano, “Teoria e Prática Arqueológica” (Antropologia e História II) do curso de Ciências sociais da Universidade do Minho foi atribuída ao director do Campo Arqueológico que a organizou do seguinte modo, com o acordo dos respectivos Departamentos da Universidade do Minho:

1 – As aulas semanais foram organizadas segundo os temas e o calendário abaixo discriminado, e reparadas pelos elementos do núcleo responsável do Campo Arqueológico, conforme as aptidões e especialidades específicas:

00. Apresentação

01. Teoria e Metodologia – Dr<sup>a</sup> Susana Correia

02. Reconstituição do ambiente – Dr. Sande Lemos

03. Estados de evolução. O Paleolítico – Dr. Sande

Lemos

04. O Mesolítico e Neolítico – Dr<sup>a</sup> Susana Correia

05. O Neo-Calcolítico – Dr<sup>a</sup> Susana Correia

06. A Idade do Bronze – Dr. Francisco Alves

07. A Idade do Ferro – Dr. Francisco Alves

08. Bracara Augusta – Eduardo Pires de Oliveira

09. A cidade romana: urbanismo e arquitectura –

Dr. Barreto Nunes

10. A criação do Campo Arqueológico – Dr. Barreto

Nunes

2.1. As aulas práticas baseavam-se na rotatividade dos alunos, desde início organizados em pequenos grupos, com um máximo de 5 elementos, de modo a permitir ao fim do semestre, a sua passagem pelos três sectores de actividade do CAUM:

Laboratório (Dr<sup>a</sup> Susana Correia), Campo (Dr. Francisco Alves), e Carta Arqueológica (Dr. Barreto Nunes e Eduardo A.P.Oliveira), onde seriam iniciados às técnicas específicas de cada uma delas.

2.2. Afim de criar um sector do Campo apto a servir de Laboratório experimental foi cuidadosamente coberta com módulos impermeáveis, assente numa estrutura tubular, a zona da casa dita “da bica” que passou a ter a designação em código de BRA 78U. Esta zona, foi começada a escavar cuidadosa e metodicamente, com técnicas pouco comuns à arqueologia romana passando a ser sistematicamente documentada e fotograficamente (diapositivos), de modo a constituir uma amostra pedagógica-didática exemplar. Importa também referir, que para apoiar e dinamizar o trabalho nesta zona, necessariamente bastante lento, foi criada uma pequena equipe de três elementos, que assegura

ria a escavação durante os períodos em que não há aulas, pois na realidade, para os alunos da Universidade do Minho apenas existem 2 meios dias de escavação por semana.”

Este excerto do Relatório Mensal de Abril de 1978 do CAB justifica uma particular observação. A disciplina de **Teoria e Prática Arqueológica** pode considerar-se precursora de uma formação na área de Arqueologia na Universidade do Minho, que só viria a ser concretizada 20 anos mais tarde, em 1998, com a criação da Variante de Arqueologia (a qual foi, todavia, antecedida, pela criação, em 1993, do Mestrado em Arqueologia). O Doutoramento em Arqueologia só foi criado em 2006.

Em 1979 o Francisco Alves e eu tivemos uma reunião com o Reitor da UM e vinculámos a necessidade de contratar um assistente, pois tanto o projecto de *Bracara Augusta* como outras solicitações regionais dificultavam em muito a capacidade de ambos para assumir responsabilidades pedagógicas. Embora não totalmente convencido o Prof. Loyd Braga, face á nossa insistência, autorizou a abertura de um concurso, tendo sido assim que Manuela Martins principiou a sua carreira na UM, a 1 de outubro desse ano.

Um outro pormenor interessante: as aulas práticas, no campo. Mais tarde, a UM foi a primeira universidade a integrar na formação dos alunos estágios de campo obrigatórios de um mês, realizados anualmente, no final do ano lectivo. Os alunos de Arqueologia da UM tiveram assim oportunidade de participar nas escavações realizadas nas termas da Cividade, que decorreram até 1999, bem como nas Carvalheiras, concluídas em 2001, tendo acompanhado de perto as sucessivas fases de descoberta e escavação do teatro romano que decorrem, em continuidade, desde 1999. Na verdade, as áreas protegidas de *Bracara Augusta* representam um extraordinário laboratório para a aprendizagem da Arqueologia.

Neste mesmo de Abril a Susana Correia dirige, em conjunto com Eduardo Oliveira, escavações no Castro Máximo (povoado proto-histórico situado no perímetro urbano de Braga, embora fora das áreas históricas da cidade (romana, medieval e barroca) (Figura 5). No cume do povoado, revolvimentos de terra tinham colocado a descoberto a muralha (imagem). Os resultados deste trabalho foram publicados.

#### 3.4.2. Intervenções no território

“Como referido no relatório do mês de Março, o CAUM foi solicitado para intervir em Pedroso (Celorico de Basto), a fim de proceder ao salvamento de uma necrópo-



Figura 5 – Trabalhos arqueológicos no Castro Máximo, Braga. No lado direito da imagem a Susana Correia.

*le do tipo “Campo de urnas”, pelo que remetemos ao relatório em anexo, referente à campanha aí efectuada de 8 a 16 de Abril.”*

A **Susana Correia** foi um dos elementos do Campo Arqueológico que participou nos trabalhos arqueológicos realizados em Pedroso, na Serra da Lameira (Figura 6). O sítio é uma das referências para o estudo da Idade do Bronze (II milénio A. C.) do Norte de Portugal. Foi descoberto devido ao alargamento de uma estrada. A intervenção foi desencadeada por um alerta do eng. Ilídio de Araújo, natural da zona. A equipa do CAB ficou alojada na sala principal da pequena Escola Primária, que ficava junto às covas abertas no saibro. De manhã era necessário arrumar as mesas e cadeiras e juntar as mochilas a um canto, de modo a que os alunos pudessem frequentar as aulas. Ao tempo parte das povoações da Serra da Lameira ainda não tinham nem luz eléctrica nem abastecimento de água (A Arqueologia chegou primeiro....). Para se obter a água para se cozinhar e lavar funcionava um poço da escola de modelo tradicional com roda metálica manual, através do qual se puxava a água do fundo. As alunas e alunos deslocavam-se a pé, envergando sobre as vestes as

tradicionais croças de palha, a fim de se protegerem do frio e da chuva (ver Imagem 7).

Não será ousado sublinhar que este trabalho, assim como outros de menor dimensão, foram percussores de uma actividade de cariz regional, que mais tarde, esteve na origem do Serviço Regional de Arqueologia da Zona Norte, com sede em Braga (1981).

Paralelamente, a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho prosseguiu com intervenções no Minho e em Trás-os-Montes, mediante protocolos com as autarquias, embora sem nunca esquecer o estudo de *Bracara Augusta*, tanto dos equipamentos públicos (o conjunto Teatro/banhos anexos ou a Muralha da Antiguidade Tardia), como da rede do edificado privado, tema de recente dissertação de doutoramento.

### 3.5. Relatório do CAB – Maio

4. *“Francisco Alves e **Susana Correia** participaram em Setúbal numa reunião preparatória para a elaboração de um Boletim de Informação Arqueológica de âmbito nacional, para o qual o Campo Arqueológico de Braga foi o elemento motor (ver circular em anexo).”*

Não analisamos esta importante iniciativa do CAB



Figura 6 – Intervenção arqueológica em Pedroso, Celorico de Basto. A Susana Correia, no centro da imagem.

pois é tema de uma comunicação específica de Carlos Boavida. Remetemos para o texto deste arqueólogo e que integra as actas do colóquio a editar pela AAP.

### 3.6. Relatório do CAB – Agosto de 1978

No âmbito das campanhas de Verão, Susana Correia foi responsável pelo sector BRA77A, mais João Castro. A zona BRA77A, designada como “Praia das Sapátas”, teve, posteriormente, uma história conturbada, demasiado longa para ser aqui registada.



Figura 7 – Alunas da primária de Pedroso, a caminho da escola, na Primavera fria e chuvosa da Serra da Lameira, Celorico de Basto.

3.7. Os relatórios dos meses seguintes do ano de 1978 são pouco minuciosos. Consideramos que as referências já transcritas são mais que suficientes para ilustrar o contributo de Susana Correia.

## 4. A EXCURSÃO AO CENTRO E SUL DE PORTUGAL EM MARÇO DE 1978

Vítor Hugo Coimbra Torres, antigo elemento do CAB e técnico de restauro (recentemente aposentado) do MDDS (em conversa telefónica e a propósito dos tempos do Campo Arqueológico) lembrou-me a excursão do GEAP ao Centro e Sul de Portugal, em que participaram vários elementos do CAB. Na verdade, sempre se procurou estabelecer pontes com outros grupos de arqueologia, designadamente com a Universidade Universidade do Porto. Estas viagens, para além do conhecimento acrescido, permitiam abrir novas perspectivas. De Braga integraram a excursão Francisco Alves, Francisco Sande Lemos, Susana Correia e VHCT. Este último ainda conserva o documento elaborado pelo GEAP, incluindo cronograma da visita, a sítios paradigmáticos (designadamente as grutas do Bombarral; a gruta da Furninha, em Peniche; Lapa do Fumo, em Sesimbra). Há uma colecção de interessantes fotografias, que incluem a Susana Correia.



Figura 8 – Escavações em BRA77A, que se prolongaram em 1978, sob a direcção de Susana Correia e João Castro.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica assim bem documentado, julgo eu, o relevante contributo de Susana Correia nos primórdios do Campo Arqueológico de Braga ou seja num tempo de mudança que marcou a Arqueologia Portuguesa, na fase de consolidação da Democracia.

Durante a elaboração deste texto, perguntei-me porque motivo a Susana Correia abandonou a colaboração com o Campo Arqueológico de Braga, em 1979. Ao ler o excelente texto redigido por Susana Lopes para o *In Memoriam* e também graças ao testemunho de António Martinho Baptista (em conversa telefónica), ficou esclarecida essa questão: a Susana Correia acalentava o sonho de ir trabalhar no Sul de Portugal, no Alentejo, objectivo que cumpriu.

Recordo a terminar, a minha memória da Susana Correia. A de uma jovem com o projecto claramente assumido de trabalhar em Arqueologia, disponível para e capaz de realizar um leque diversificado de tarefas: a participação em sondagens e escavações, enquadrando voluntários; o tratamento dos materiais resultantes, mesmo no laboratório provisório instalado na cozinha do Palácio do Biscaínhos; o ensino no âmbito do Curso de Ciência Sociais da UM. Sempre de um modo sereno.

Recordo também a Susana Correia como uma

pessoa muito educada, de bons modos, uma companheira alegre dos momentos de lazer que reuniam os elementos do CAB quando o trabalho diário findava. Muitas vezes celebrações de aniversários, ou simples vontade de conviver, o que era facilitado pela circunstância do pessoal do Campo Arqueológico usufruir do jardim dos Biscaínhos, um paraíso, hoje consagrado monumento histórico.

Francisco Sande Lemos  
Lisboa, Outubro de 2022. Revisão em Outubro de 2025.

### Nota

Agradecemos a colaboração de: Manuel Santos, técnico responsável pela Fototeca do Museu de D. Diogo de Sousa, autor da maioria das imagens; Víctor Hugo Coimbra Torres, que facultou dados sobre os anos 1977/78 do CAB e lembrou a excursão de Março de 1978, organizada pelo GEAP; de Manuela Martins que procedeu à revisão do texto, corrigindo erros gramaticais e acrescentando importantes dados sobre o ensino da Arqueologia na UM, de modo sintético mas esclarecedor.



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2025

[www.arqueologos.pt](http://www.arqueologos.pt)